



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística e Artes

A curadoria da literatura na educação básica: aproximações entre os booktubers e docentes

Literary curatorship in basic education: approaching booktubers and teachers

Guilherme Primo Mendonça^a; Maurício Cesar Menon^b; Marilu Martens Oliveira^c;
Evandro Melo Catelão^d

^a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Paraná, Brasil - guiprimo@hotmail.com

^b Universidade Federal do Paraná, Paraná, Brasil - mcmemon@utfpr.br

^c Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, Brasil - yumartens@hotmail.com

^d Universidade Federal do Paraná, Paraná, Brasil - evandrocatelao@gmail.com

Palavras-chave:

Booktubers. Curadoria.
Docente. Literatura.

Resumo: No estudo aqui apresentado, procuramos relacionar a prática dos *booktubers* e o exercício da curadoria a ser adotado pelo docente de educação básica, no que tange à literatura. Para tanto, pela pesquisa bibliográfica, aproximamos autores como Candido (2011), e Cortella & Dimenstein (2015) para discutirmos a proteção do direito à literatura pelo professor. Em outro momento, duas análises são realizadas: a primeira contempla considerações — pela análise documental — sobre a composição de canais da plataforma *Youtube* dedicados à literatura. Na segunda, a qual é guiada pela pesquisa com *survey* (FONSECA, 2002), analisamos parte de um questionário respondido pelos donos desses canais. Tais análises e pesquisa nos levam a concluir que há abertura para que seja debatida a questão da nomenclatura para os sujeitos que interagem com seu público pela escrita ou por vídeos, e, assim, defender os *booktubers* também enquanto curadores da literatura. Dessa maneira, o professor seria visto como curador literário e dos canais inseridos no *Youtube* e os donos desses como curadores literários online.

Keywords:

Booktubers.
Curatorship. Literature.
Teacher.

Abstract: In the study presented here, we seek to relate the practice of booktubers and the exercise of curatorship being adopted by teacher of basic education, with respect to literature. For both, by bibliographical research, approach authors as Candido (2011), and Cortella & Dimenstein (2015) to discuss the protection of law to literature by teacher. Another time, two analyses are conducted: the first includes considerations — by documentary analysis — about the composition of the channels at platform *Youtube* dedicated to literature. In the second, which is guided by research with *survey* (FONSECA, 2002), we analyzed part of a questionnaire answered by the owners of these channels. Such analyses and research leads us to conclude that there is openness to be debated the question of nomenclature for the subject that interact with your audience by writing or by video and, thus, defend the booktubers as curators of the literature. In this way, the teacher would be seen as curator of the literature and of channels entered on *Youtube*; and the owners of these as literary curators online.



1 INTRODUÇÃO

Assim como fez Nelson¹ já nos anos de 1974, o caminho ao qual parece rumar a discussão sobre o uso da rede mundial de computadores — principalmente pela educação básica brasileira — diz respeito ao domínio voltado ao uso próprio. Ou seja, não se trata mais, fundamentalmente, de discutir a criação de ferramentas para computadores, celulares, mas de apreender o seu funcionamento, a partir do já desenvolvido, a fim de que professores e estudantes deixem de ser apenas sujeitos passivos na interação.

De maneira a se aproximar dessa abordagem, o estudo aqui apresentado procurou relacionar a prática dos *booktubers* e o exercício da curadoria a ser adotado pelo docente de educação básica, no que tange à literatura. Dessa forma, com tais atuações, pretende-se que a discussão pela pesquisa descritivo-bibliográfica, descritiva-documental e com *survey*² em três momentos distintos, de caráter exploratório e utilizando-se da metodologia qualitativa, contribua à proteção da prática de leitura literária dos estudantes de educação básica.

Para tanto, pela pesquisa bibliográfica, aproximam-se autores como Candido (2011) e Cortella & Dimenstein (2015) para se discutir a proteção do direito à literatura pelo docente enquanto curador. Em outro momento, de modo a visualizar os sujeitos presentes no ambiente digital/virtual, destacam-se dois olhares: o primeiro contempla considerações — análise documental — sobre a composição de canais dedicados à literatura. O segundo, por sua vez, guia-se pela pesquisa com *survey* (FONSECA, 2002), realizada por meio de um questionário respondido pelos donos desses canais — inseridos na plataforma *Youtube*³.

Apresentar uma proposta quanto ao ensino-aprendizagem de literatura, sob o viés aqui adotado, faz com que nos aprofundemos em uma discussão pouco vista no campo científico. Tal quadro, vale ressaltar, reduz-se ainda mais caso consideremos as práticas escolarizadas. Numa pesquisa feita na plataforma “Google Acadêmico”, chegou-se a um número menor do

¹ Ted Nelson, criador do projeto “Xanadu” hoje conhecido como hipertexto.

² Pesquisa que se utiliza de um questionário, quando se utiliza de pesquisas exploratórias e descritivas, visando grupos específicos a fim de que sejam obtidos dados e ou informações pertinentes ao que se propõe analisar.

³ A partir das respostas, discutiremos a relação entre as práticas daqueles que se dedicaram a responder ao questionário e do docente de nível básico.

que duas dezenas de artigos científicos⁴. Enquanto que em outra, procurando pelo número de teses e dissertações que tratassem dos *booktubers*, não foram obtidos resultados⁵.

Toma-se como objetivo principal, desde o primeiro momento, construir uma relação entre os sujeitos envolvidos no espaço escolar e no digital/virtual, com base no conceito de curadoria. Entende-se essa necessidade, dada à urgência de proteção do direito de incluir a literatura no cotidiano do sujeito-estudante, de lançar mão da tecnologia em sala de aula, assim como de visualizar o professor de língua portuguesa sob outra perspectiva. Quer dizer: não mais como o único detentor do conhecimento acerca da literatura e, ao mesmo tempo, suprir a falta do contato que ele tem com essa.

2 O PROFESSOR COMO CURADOR

A função de curador que adotamos para esta discussão ultrapassa o resguardo de acervos e coleções. Ultrapassa no sentido de que vivemos num momento de confusão sobre quais personalidades, por exemplo, seguimos, a fim de nos aprofundar em determinadas discussões. Ou seja, a noção de curador que pretendemos defender é aquela que possibilita o sujeito proteger não só o conteúdo, mas também a pessoa que o recebe dos problemas de consumir determinado objeto maléfico ao seu desenvolvimento.

O ponto de vista aqui adotado, portanto, aproxima-se do posicionamento de Mensch (2004 apud BARBOSA, 2013) e de Horta (2010 apud BARBOSA, 2013) a respeito dessa prática. Tais relações se fazem em diversos momentos, porém destacamos alguns: quando aquele afirma que o curador não é mais o centro do universo — portanto, dividindo sua atividade (a do docente) com aquilo que se encontra presente na internet —, e quando Horta sustenta ser necessário primarmos pela presença da sociedade e, assim, devolver ao público o que foi preservado.

Pensar no quadro atual em que se inserem os docentes, sobretudo frente aos conflitos entre eles e os Governos, ajuda-nos a assimilar um papel que há tempos não é o seu: o de protetor

⁴ Consulta realizada na data de 30 mar. 2017, considerando somente trabalhos sobre *booktubers*, divulgados em páginas de língua portuguesa. Destaca-se o fato de que tais trabalhos, em sua maioria, estão ligados a uma análise, a partir do termo “mediação literária”, que os *booktubers* fazem de obras literárias. Por outro lado, não se percebe a conexão — direta — de pesquisas que adotem as práticas deles no ambiente escolar.

⁵ <<https://www.bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#1/>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

de obras literárias. Embora seja destacada a relação entre ambas as figuras, cabe salientar o pouco envolvimento dos que iniciam na carreira docente — recém-formados dos cursos de licenciaturas, neste caso em específico, o de Letras — com o mundo literário. Para tanto, bastam rápidas conversas com eles para identificarmos a quantidade e a qualidade das leituras que realizam⁶.

Contudo, seria tema de outra discussão, essa possivelmente mais profunda e que exigiria o envolvimento de diversos professores, a necessária dissociação da questão da leitura literária com o professor formado em Letras. Isso não quer dizer, porém, desvalorizar sua formação, que se fez com base em autores que analisam a literatura. Quer dizer considerar, por exemplo, que muitas das produções literárias possuem temas passíveis de serem abordados por diversas disciplinas escolares⁷.

Ao afirmar que a tarefa do curador “[...] é incentivar a autonomia, mas em momento nenhum, ele deve se comportar como soberano nem formar pessoas nessa direção.” (CORTELLA, 2016), pensa-se nas propostas contemporâneas sobre a atuação do docente em sala de aula⁸. Isto é: num sujeito que passa a dividir o conhecimento na era tecnológica digital com as ferramentas que essa disponibiliza, compartilha. Automaticamente, portanto, dividindo com o estudante, uma vez que ele é capaz de chegar muito próximo das informações obtidas pelo docente através de poucos cliques.

Proceder dessa forma significa reconhecer-se dotado de um conhecimento limitado, quanto a uma proposta de inserir no horizonte do estudante debates acerca do amplo domínio discursivo literário. Se tal introdução é problemática, é caso ainda mais grave a pretensão de ampliar os horizontes daqueles que já possuem o hábito da leitura. Destarte, visualizam-se os estudos de Candido (2011) e Cortella & Dimenstein (2015) aproximados.

O conceito discutido por Cortella & Dimenstein (2015), e aqui vinculado à literatura, ganha sustentação nas palavras de Candido (2011, p. 176). Isso porque, para ele, aquela se insere

⁶ Levar em conta o contato com a literatura no início de sua formação acadêmica, faz com que procuremos visualizar o momento em que esses sujeitos se tornam graduados e, ainda, ao longo do período que atuam como docente. A discussão aqui realizada considera esses três contextos e coaduna com a ideia de que, pelas exigências profissionais, ao atuar como docente, o contato com a literatura — leitura literária e teórica — diminua devido ao contexto profissional. Ou seja, não se trata de culpabilizar apenas a atuação do Estado nas escolas.

⁷ Em outras palavras, trata-se de enxergar a literatura sendo abordada de maneira interdisciplinar, de sobrevalorizar o papel de leitor de professores que não só os de línguas.

⁸ Ver Nóvoa (1992; 2002).

num mundo em que “[...] são bens incompressíveis não apenas os que asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual”. Trata-se de um objeto que propicia o desenvolvimento de atitudes generosas, a fim de convivermos, como coloca Savater⁹ e, ainda, de reconhecimento de “[...] que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (CANDIDO, 2011, p. 174).

Supõe-se, a partir das reflexões acima, o caráter urgente do docente em selecionar e tornar acessíveis as ferramentas disponibilizadas digital/virtualmente¹⁰ ao alunado, que possibilitam o trabalho de ensinar-aprender sobre a literatura em conjunto — professor, *booktuber*, estudante e demais leitores. Faz-se isso, utilizando-se dos *booktubers*¹¹, como aqueles que, junto ao docente, direcionariam os alunos, que tão pouco consomem literatura e os que já estão a compreendê-la, a uma prática não apenas escolar¹².

Ainda: como matéria não privativa do docente de língua portuguesa, como forma artística ligada às diversas esferas sociais, a mediar o ímpeto da “[...] necessidade desesperadora de construir um novo ser coletivo mediante a significativa mistura de espiritualidade [...]” (CASTELLS, 1999, p. 59). De outra forma colocada, o ímpeto de um indivíduo que anseia estar situado em diversos contextos — mesmo que esses se encontrem fundidos —, mas que busca, ao mesmo tempo, a formação e exposição de traços autônomos.

Lançar mão, pois, da exposição de Cortella & Dimenstein (2015) acerca da prática de curadoria pelo professor, leva os sujeitos envolvidos nas práticas escolares a perceberem não só a literatura como objeto existente fora do contexto educacional, mas a internet como ferramenta passível de escolarização. Agindo sob essas perspectivas, ao mesmo tempo, estaremos discutindo um desenvolvimento educacional que se mantenha no trilho¹³ das novas ferramentas, o que não deve ser entendido de maneira negativa. Isso porque, quando se

⁹ Trecho da frase “No ensino da ética, três virtudes são essenciais e devem ser reforçadas: a coragem para poder viver; a prudência para sobreviver; e a generosidade para conviver.”, citada na conferência Fronteiras do Pensamento (2015).

¹⁰ Não partimos da ideia de que as ferramentas tecnológicas/digitais são a solução dos problemas escolares. Mas sim, de que devem ganhar relevância quando possíveis de se conectarem e contribuírem com o ensino-aprendizagem.

¹¹ *Booktubers* aos quais se destinam uma análise mais extensa abaixo.

¹² No mesmo caminho, cita-se o fracasso do livro didático quando se faz dele apenas um aglomerado de atividades voltadas à polêmica interpretação do texto e, inclusive, uma estante recheada de obras canonizadas.

¹³ Queremos dizer por “rastros” e “trilhos”, uma adaptação tecnológica que se faz de modo mais lento no campo escolar; por isso, atrás das inovações tecnológicas, como as digitais.

discutem as exigências sociais por mudanças equilibradas, não se visualiza o trabalho árduo de atualização dos agentes educacionais.

A tarefa de se tornar um sujeito que “reparte”, “eleva”, a informação, nesta altura, não deve ser confundida com a de deixar de lado a formação literária para o exercício da profissão de professor¹⁴. Pensar a curadoria aqui é tratar de duas falhas do momento em que vivemos: a pouca bagagem literária de boa parte dos docentes — e aqui enfatizamos uma literatura pertinente ao contexto dos estudantes — por qualquer dos motivos retratados. Tal prática acarretaria, ainda, numa formação de leitor que é mínima, no que diz respeito aos estudantes de nível básico brasileiro.

De maneira a dar conta, portanto, da enxurrada de livros que são lançados e, ainda, de apresentar as obras que compõem o cenário canônico literário, sugere-se ao docente portar-se como protetor de uma prática milenar. Porém, não de maneira solitária, mas sim solidária, em conjunto com os conhecimentos dispendidos por aqueles que parecem ludibriar o tempo: os *booktubers*. Contudo, não apenas: é necessário que o docente assegure, inclusive, o que tende a ser outra prática milenar: o acesso às fontes virtuais¹⁵.

Como já dito, a prática de curadoria pelo docente em sala de aula, tem como objetivo perceber a literatura não por um viés que parece sobrevaler no contexto da educação básica, que é de uma “iniciação à língua literária e à cultura humanista, menos rentável em curto prazo, parece vulnerável na escola e na sociedade do amanhã.” (COMPAGNON, 2009, p. 23). Mas sim de observá-la por uma perspectiva oposta. Para tanto, pensa-se na figura do outro sujeito que se aproxima das ações tomadas pelo curador: o *booktuber*.

3 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

¹⁴ Formação essa que ocorre antes da graduação, durante e como formação continuada quando docente.

¹⁵ Usam-se essas para que subvertamos um dos objetos controlados pelos colonos/proprietários/dominadores. Ou seja: “numa sociedade pós-industrial em que os serviços culturais substituíram os bens materiais no cerne da produção, é a defesa da personalidade e cultura do sujeito [que passa a ser visada] contra a lógica dos aparatos e mercados [e] que substitui a ideia de luta de classes.” (TOURAINÉ, 1994 apud CASTELLS, 1999, p. 58 acréscimos nossos).

Anteriormente ao momento em que são tecidos comentários a respeito da composição dos canais voltados à literatura e das respostas dos donos desses ao questionário, apontam-se os caminhos metodológicos percorridos.

Adota-se o caráter exploratório, seguindo uma metodologia qualitativa que se apoia de acordo com os três momentos apresentados no estudo, por três tipos de procedimentos. Pela pesquisa descritiva-documental, sendo o segundo tipo de pesquisa aqui abordado¹⁶, pretende-se lançar um olhar geral sobre a composição dos canais produzidos pelos *booktubers*, no site de hospedagem de vídeos *Youtube*. O terceiro momento toma como procedimento a pesquisa com *survey*, pela qual buscaremos analisar a figura daqueles, utilizando um questionário como instrumento de pesquisa¹⁷.

A primeira análise se baseia em observações gerais a respeito de cinco canais, abarcando, principalmente, a composição de cada um deles, o que envolve: a descrição dos autores literários e obras trabalhadas, as propostas de listas e desafios. Observou-se, ainda, a forma como se posicionam os *booktubers* frente aos livros, momento em que nos concentramos na verificação do tipo de linguagem adotada, a profundidade com que as obras são abordadas, assim como os comentários dos sujeitos que acompanham cada canal.

A segunda, por sua vez, direciona-se a partir do questionário respondido pelos donos dos canais. Nessa, diferentemente da primeira, são feitas as análises das três perguntas selecionadas — identificadas pela letra “P” e um número, de um a dez, de acordo com sua posição no questionário. A identificação de cada um dos *booktubers* se dá letra “B” mais um número, que vai do um ao cinco.

As questões são apresentadas abaixo dos quadros, nos quais são expostas as cinco respostas de uma mesma pergunta, com as análises apresentadas após todas as questões. Salienta-se que não serão divulgadas as identidades dos donos dos canais nem mesmo os nomes desses.

¹⁶ Pela pesquisa descritivo-bibliográfica, apresentaram-se os estudos que se referem ao docente enquanto curador. Sendo, assim, o primeiro tipo de pesquisa.

¹⁷ Devido à extensão de um estudo referente às dez questões, apresenta-se o questionário completo apenas para efeitos expositivos. Entretanto, para efeitos de análise, são discutidas apenas três, com algumas considerações a respeito das outras sete aparecendo em certos momentos das análises.

4 BOOKTUBERS

4.1 AS PERSONALIDADES

O fato de muitas pessoas não saberem quem é um *booktuber* e aquilo que se propõe a fazer, leva-nos a um breve relato histórico a fim de pontuarmos quem são, quando e onde surgem suas práticas. As personalidades que compartilham vídeos comentando suas impressões a respeito de obras literárias são jovens que ainda se encontram em formação na educação básica e adultos egressos de diversos cursos superiores. A partir dessa breve descrição, já podemos supor que nem todos possuem formação especializada em literatura nem a responsabilidade de trabalhar com ela em escolas¹⁸.

Por se tratar de uma atividade relativamente nova, são poucos os estudos que se dedicam a essa nova comunidade, o que não nos permite afirmar o momento em que se iniciam a publicação dos vídeos. Inferimos, pelo substantivo adotado para a comunidade e para aqueles que dela fazem parte, assim como a origem da plataforma de compartilhamento de vídeos, ser o Estados Unidos da América a origem, chegando ao Brasil, posteriormente. As respostas do questionário abaixo mostram que o público ao qual se dirigem não é determinado; isso faz com que sejam veiculadas resenhas de obras canônicas, *best sellers*, assim como fruto de uma relação comercial¹⁹.

4.2 3.2 A COMPOSIÇÃO DOS CANAIS

Num primeiro olhar lançado ao fundo do vídeo, as estantes repletas livros de todas as cores, tamanhos, autores, regiões, já causam grande impacto nos devoradores de livros. O amor por esses parece ligar cada um dos que se propõem a essa atividade *online*, fato constatado ainda na descrição do canal. De maneira despojada e sem lembrar a formalidade das produções que

¹⁸ No caso da pesquisa realizada, embora tenhamos a enviado para homens e mulheres, somente as *booktubers* mulheres enviaram suas respostas. Por isso, podemos dizer que analisamos apenas respostas de mulheres *booktubers*, brasileiras e todas com formação educacional de nível superior.

¹⁹ Essa relação comercial é feita a partir da permuta: envio de livros (por editoras e autores) e divulgação.

exploram as obras literárias²⁰, muitos deles equilibram a qualidade de suas abordagens com as possibilidades de interatividade.

Merece destaque a questão da interatividade, essa muitas vezes guiada pelos cortes de cenas. Numa maneira particular de editar os vídeos, os sujeitos que lidam com a sua imagem no *Youtube*, e aqui consideramos outros *youtubers*, adotam o *making of* como componente fundamental de suas produções. Utilizam-se dos erros, dos escorregões, de modo que, segundo os comentários visualizados nas páginas, tornam a apresentação mais natural e divertida. Em síntese, uma das fórmulas de assegurar que determinados usuários passarão a ler a obra analisada.

Dos cinco canais observados, quatro dedicam uma *playlist* — seção composta por diversos vídeos — na qual discutem mais de um livro de determinado autor. Salientamos tal afirmação, uma vez que essa seleção não se assemelha ao vídeo em que os produtores dos canais se dedicam à obra de mais de um autor²¹. Entre os escritores que ganham um espaço especial nos canais, destacam-se os já consagrados e abordados no espaço escolar²².

Ao percorrer os canais de cada um dos *booktubers*, percebemos como eles podem ser fundamentais para o mundo literário, dado o número de escritores abordados. O acervo de cada um deles encaminha as obras de escritores consagrados pela mídia e público, os que se tornaram canônicos, mas que dividem espaço com novos autores, especialmente os brasileiros. O espaço entre esses também é dividido, o que faz com que além de sugestões de leituras, por exemplo, proponham sorteios, incentivando assim não só a transmissão da leitura da obra, mas também a aquisição do livro.

É possível destacar alguns pontos frente ao que até agora se apresentou, no que diz respeito às aproximações e aos distanciamentos entre os canais e o livro didático²³, como entre os produtores dos vídeos e docentes:

²⁰ Inclusive se distanciando de uma abordagem histórica adotada pelo docente em sala de aula, onde o importante é decorar datas, nome completo e um tanto de obras de determinado autor.

²¹ Quando para tratar de mais de um autor no mesmo vídeo, utiliza-se a *playlist*: “Lista”. Nessa, os vídeos levam títulos do tipo “5 escritores contemporâneos”.

²² Destacamos: Machado de Assis, Liev Tolstói, Virgínia Woolf.

²³ Trazemos o livro didático para a discussão, já que percebe ser esse, como já dito em nota de rodapé anterior, uma espécie de estante, por parte dos que o adotam como plano de aula.

- A maior capacidade de armazenamento em nuvem em detrimento do livro didático, seria uma possível solução para o debate que se faz sobre a fragmentação das obras literárias;
- Ainda quanto à fragmentação, de um lado temos o baixo nível de conhecimento referente à literatura, que se mistura a um desejo de que não sejam emitidos *spoilers*. Por outro, a fragmentação se torna uma saída necessária para se abranger o maior número de composições possíveis, de modo que o livro didático se torna uma biblioteca em formato de páginas;
- O custo de se produzir um livro didático, pensando na questão dos direitos autorais, não parece ser motivo de impedimento para a elaboração dos vídeos. Pelo contrário, há por parte de autores e editoras a cessão de livros para que as personagens digitais os divulguem²⁴;
- A questão do hábito da leitura literária de obras que não apenas as consagradas, sobrevaloriza as ações dos *booktubers*, devido à abordagem de diferentes autores, de diferentes tempos e estilos literários. Porém, passível de discussão seria a qualidade daquela, já que dos entrevistados tão-somente um possui formação literária calcada nos moldes tradicionais, vinculada ao curso de Letras;
- Os diálogos propiciados pelos comentários nos canais entre sujeitos que se encontram noutra espaço e que não se reduzem aos procedimentos de leitura impostos pelos livros didáticos. Isto é: um contexto dialógico que não se aproxima da falta de conversa sobre literatura, a qual cede espaço para estudos literários por uma só visão;
- A possibilidade de se trabalhar — no caso dos criadores dos canais — numa plataforma que possibilita a interação tecnológica e, portanto, próxima ao contexto dos estudantes. Se pensarmos na figura do docente, traríamos, como fazem muitos estudos, antes de qualquer coisa, todas as discussões a respeito de sua relação com a tecnologia e as práticas de ensino, seja pelo pouco que oferece a escola, seja pela distância mantida das ferramentas digitais.

Quanto aos comentários que surgem nos espaços reservados para a interação entre leitores e o dono do canal, comumente é apresentado por aqueles o desejo de ler a obra em debate, assim

²⁴ Em muitos dos canais analisados, observaram-se alertas para os que enviam livros. Isso porque, pressupõe-se, a partir de tais avisos, que escritores enviam livros aos donos de canais com o desejo que sejam feitas análises. O que os avisos dizem é que o envio, sem antes um diálogo entre as partes, não garante a divulgação da obra.

como são expostas as opiniões a respeito do momento pós-leitura. Por não se tratar (quase que em sua totalidade) de obras literárias cobradas em provas de colégios, raros são os comentários relatando o uso das resenhas para o auxílio na produção de respostas da prova escolar²⁵.

Por outro lado, mais frequentes, são os comentários dos seguidores do canal que buscam interagir com o *booktuber*. Desses, podemos destacar aqueles que indicam novos livros a serem resenhados pelo dono da página, assim como leituras realizadas resultantes da obra resenhada. Tais disposições fazem da página um espaço semelhante a um clube de leitura, isso porque há muitos diálogos desenvolvidos entre os sujeitos que indicam obras e os que leram as indicadas pelo público.

Entretanto, talvez pela tamanha participação dos seguidores dos canais, boa parte dos comentários não é retornada por seus donos, ainda que seja sugerida por aqueles. Um exemplo foi a tentativa de contato com os *booktubers* — por *email*, *Facebook* — a fim de que respondessem ao questionário abaixo. Em números, entramos em contato com mais de 20 sujeitos, porém obtivemos um retorno inicial de apenas oito.

Dirigindo-nos a parte final deste momento e rumando às questões, observa-se que o modo como se propõe o trabalho com a leitura literária, não se limita a uma prática rotineira como a vista na escola. Isso, pois, não se reduz às resenhas, ao invés disso, são propostos desafios como: “Book Haul”, “Leituras da semana”, “Bookshelf Tour”, “Semana do terror”, “Semana do Romance”, “Mês do Horror”²⁶. Dessa forma, somados ao caráter metodológico de se abordar a literatura pelo docente, os canais veiculados no *Youtube* parecem ser fontes ricas de novos meios de trabalhá-la.

4.3 DADOS COLHIDOS

4.3.1 *Questionário: perguntas e respostas*²⁷

²⁵ Porém, é comum visualizarmos pedidos de seguidores do vídeo referentes a possíveis análises de obras que serão temas de provas. Geralmente, tais pedidos têm um tom de urgência, uma vez que se entende, pela escrita do sujeito que faz esse pedido, serem as resenhas um modo de responder à prova, garantindo uma nota considerável.

²⁶ Esses desafios se aproximam das práticas desenvolvidas em projetos de leitura no ambiente escolar.

²⁷ As respostas foram copiadas de forma fiel.

Quadro 1. Pergunta 1: Qual sua formação acadêmica: () Ensino Fundamental; () Ensino Médio; () Ensino Superior? Qual curso (caso assinale a última alternativa)? _____

B1	(X) Ensino Superior. <u>Letras Port/Inglês, Ciências Contábeis, Pós-graduação em Literatura Inglesa</u>
B 2	(X) Ensino Superior. <u>Jornalismo</u>
B 3	(X) Ensino Superior. <u>Jornalismo</u>
B 4	(X) Ensino Superior. <u>Administração</u>
B 5	(X) Ensino Superior. <u>História (Licenciatura) e Biblioteconomia. Atualmente no mestrado em Ciência da Informação.</u>

Quadro 2. Pergunta 2: Qual a sua profissão?

B 1	Professora de Língua Portuguesa
B 2	Jornalista
B 3	Jornalista
B 4	Gerente administrativa
B 5	Estudante.

Quadro 3. Pergunta 3: Você se enxerga como uma crítica literária ou como alguém que faz um tipo diferente de resenha?

B 1	Eu me vejo como alguém que fala sobre os livros, por amor, por paixão. Sou uma entusiasta dos livros. Em alguns trabalhos que faço (palestras, mediações de leitura) sou apresentada como Crítica Literária, mas não gosto muito dessa “classificação”, pois parece um pouco arrogante eu me colocar como tal.
B 2	Atualmente, não, nem de longe. Mas busco isso.
B 3	Me vejo como crítica literária quando escrevo textos (resenhas) para veículos como o Rascunho, por exemplo. Quanto ao canal no Youtube, não vejo o que faço como uma resenha.
B 4	Outro tipo de resenha: a ideia não é apenas avaliar a estrutura da obra e discutir sua história. Através do blog ou do canal eu apresento minha opinião sobre determinado livro e o que ele me fez sentir. A ideia, então, é mostrar como um livro me tocou e, através desse sentimento, impulsionar outras pessoas a lerem o livro.
B 5	Tipo diferente de resenha. Mudei muito o modo como falo dos livros desde que comecei a ter blog e canal literário. Hoje estou apenas no blog pois acredito que a forma escrita é mais adequada para o tipo de construção que quero fazer a partir de um texto. Minhas resenhas não esgotam uma obra (acredito que nenhuma esgote, mas não é nem minha pretensão), a minha proposta tem sido a de, a partir da obra, discutir um ponto que eu ache pertinente ou que tenha me tocado mais. Por isso não escrevo sobre tudo o que leio, publico textos apenas quando uma obra me provoca.

Quadro 4. Pergunta 4: Em que tanto sua atuação se assemelha a de um curador?

B 1	Se assemelha bastante sim. De alguma forma, sei que as minhas escolhas influenciam outras pessoas.
B 2	Acho que pra quem tem o mesmo gosto que eu, sou uma fonte de livros diferentes - ou assim espero! Mas não tenho essa pretensão de curadoria, pelo menos por agora.
B 3	Não me vejo como uma curadora.
B 4	No sentido de defender um livro? Não sei, não sinto que meu trabalho segue esse estilo de ação, até porque tudo gira em torno da minha opinião.
B 5	Não sei dizer quanto a isso, a curadoria é um tópico que tem sido muito comentado mas sobre o qual ainda não pensei. Talvez a curadoria ocorra em posts temáticos, nos quais apresenta-se uma lista de indicações. É o caso de posts comuns como os dedicados a comentar sobre os livros mais marcantes da vida, ou as melhores leituras do ano etc. Existem alguns temas interessantes, como livros para ler em um dia, para aquecer o coração, melhores livros que ainda não li...

Quadro 5. Pergunta 5: Como poderia descrever o seu canal?

B 1	Um canal sobre literatura clássica e contemporânea.
B 2	Atualmente, é um compilado de resenhas bem humoradas! Mas quero transformá-lo em um espaço de educação bem humorada :)
B 3	Meu canal é uma rede social em que falo sobre os livros que leio.
B 4	Parte de mim e do que sou: romances, livros jovens e reflexivos, discussão de temas tabus através da literatura.
B 5	Bom, como disse eu não atualizo mais o canal, mas o tipo de post dentro do canal e o blog não difere tanto. Diria que literariamente na internet meus espaços são uma tentativa de estender uma discussão que está sendo feita só na minha cabeça após ler um livro. Isso não necessariamente acontece nesse nível de profundidade, mas é a tentativa. Há muitas trocas de dicas e algo que acho bem legal, que é o incentivo. Às vezes o comentário é um simples empurrão da pessoa do outro lado pra você seguir tentando determinado autor que você disse não ter gostado muito. Pessoalmente, o blog e o canal têm uma importância outra também, que é a de me ajudar a pensar com mais profundidade sobre a leitura, organizar meus pensamentos em forma de texto (blog) ou fala (canal) coerentes, e assim fazer o exercício de pensar porque um texto me agrada ou não.

Quadro 6. Pergunta 6: Possui conhecimento do perfil dos inscritos em seu canal? Se sim, assinale uma ou mais alternativas: () Acompanham o canal por compromissos escolares; () Apreciadores de *best sellers*; () Apreciadores de “clássicos”; () Leitores iniciantes; () Leitores experientes²⁸.

B 1	(X) Leitores iniciantes (X) Leitores experientes
B 2	(X) Leitores iniciantes (X) Leitores experientes
B 3	Não sei dizer.
B 4	(X) Leitores iniciantes (X) Apreciadores de <i>best sellers</i>
B 5	(X) Apreciadores de “clássicos” (X) Leitores experientes Resposta baseada nas interações através dos comentários e em outras redes sociais.

²⁸ Adotamos como critério o tempo em contato com a leitura literária e a quantidade de livros lidos.

Quadro 7. Pergunta 7: Como se dá o processo de escolha das obras a serem discutidas?

B 1	Apenas o meu gosto pessoal
B 2	Puramente meu gosto pessoal. Isso também deve mudar: meu foco será ficção científica e fantasia.
B 3	Eu falo sobre as obras que leio como leitora de fato - e não saberia dar detalhes de como escolho minhas leituras, acho que é um processo orgânico e natural. Vejo livrarias, sites, editoras, leio sinopses, vejo o que tenho vontade de ler. Não existe uma pauta ou direcionamento específico pensando no canal.
B 4	Segue a lista das minhas leituras: leio o que me dá vontade e, as que mais gosto, ganham destaque no canal.
B 5	Preferência pessoal. Discuto coisas que eu quero ler, o canal não muda isso.

Quadro 8. Pergunta 8: Quais as suas motivações para se dedicar à literatura?

B 1	É parte da minha vida, tanto profissional, quanto pessoal. Acredito mesmo que os livros podem transformar e mudar o mundo e as pessoas
B 2	A ideia de que outras pessoas podem se encantar tanto com livros quanto eu já me encanto. :)
B 3	A vontade de falar com outros leitores sobre a literatura.
B 4	Amo ler, então compartilho esse amor pela internet.
B 5	Prazer pessoal. Eu gosto de ler.

Quadro 9. Pergunta 9: Como espera contribuir para a propagação de obras canônicas e as de autores não consagrados?

B 1	Tudo está nos clássicos. Os clássicos estão aí até hoje justamente porque eles transcendem o tempo, o espaço. São originais e exclusivos. Para entender a literatura de hoje (de qualquer tipo) é preciso conhecer os clássicos.
B 2	Acho que o simples fato de ter material sobre eles em português, de qualidade, já é um grande passo.
B 3	Como disse, não tenho um processo de escolha de livros voltado para o canal. Mas já acho legal quando um outro leitor descobre um novo livro favorito no meu canal.
B 4	Engraçado, mas não penso nisso. A ideia é propagar a literatura através do que leio e amo. Nesse ponto pode ser <i>qualquer</i> livro, gênero ou autor. Não foco exclusivamente em nenhum aspecto, deixo-me livre para falar e expor o que sentir.
B 5	A contribuição para a propagação de qualquer coisa é falar sobre aquilo. Como falar de modo que aquilo de fato desperte algo em alguém é o desafio. Eu simplesmente tento conversar sobre as leituras.

Quadro 10. Pergunta 10: Como imagina que suas análises, interpretações, contribuam para o ensino-aprendizagem de literatura na escola?

B 1	Não contribuí. A escola exige informações e dados sobre literatura. Minhas resenhas são sobre a arte da literatura – a linguagem, as histórias, a construção do personagem. Eu não vejo as escolas lidando com os livros desse jeito, o que é uma pena.
B 2	Acho que podem ajudar no sentido de que não é preciso ser sisudo ou sério demais pra falar sobre clássicos :)
B 3	Não sei dizer! Imagino que possam ajudar como motivação de leitura, talvez para incentivar os alunos - que podem ver uma pessoa normal falando sobre uma leitura não obrigatória, em um contexto muito diferente deles. Talvez ajude que vejam os livros com outros olhos, mais interessados.
B 4	Por incentivar os leitores, principalmente jovens, a buscarem refúgio na literatura. Tenho vários vídeos focados para o público jovem, todos com a intenção de despertar neles a vontade de ler. Já recebi vários comentários de pessoas que passaram a ler por causa dos meus vídeos e, sem dúvida, essa é minha maior contribuição: despertar interesse na literatura.
B 5	Meus comentários não são de forma alguma especiais, não faço análises profundas das obras. A contribuição acredito que está mais no fato de colocar a literatura em debate, e por qualquer pessoa. Acredito que a proliferação de pessoas (principalmente jovens) falando na internet sobre livros pode contribuir no sentido de “desmistificar” a leitura, torná-la mais parte do cotidiano. Além disso, é possível acompanhar a variedade de leituras, o que ajuda a firmar a ideia de que há livros para todos os gostos, para além dos clássicos da leitura escolar.

4.3.2 Respostas analisadas²⁹

Colocando em destaque a questão que se destina à visualização da relação entre as práticas dos *booktubers* e do curador, alguns pontos merecem ser apontados. Primeiro, que em nenhuma das respostas nega-se veementemente que o trabalho do *booktuber* e do curador não se encontram próximos. Contudo, em três são expressas dúvidas quanto a essa aproximação. Poderíamos encarar esse posicionamento por haver diversas possibilidades de se interpretar a palavra curadoria.

Ao mesmo tempo, no entanto, poderíamos nos assegurar na resposta B5 e afirmar com segurança que a curadoria ocorre em todos esses canais, ainda que não em todas as *playlists* que apresentam. Quanto à resposta B4, simplesmente pelo fato de se estar expondo a sua opinião, o sujeito, além de comunicar, ainda a defende utilizando-se de seus argumentos, curando-a, protegendo-a, portanto. Por sua vez, à resposta B3, utilizamos do que afirma Horta (2010 apud BARBOSA 2013), quando o autor postula que curadores e artistas, em muitas das vezes, posicionam-se acima de quem recepciona determinado objeto.

Em outras palavras, somam-se as colocações de Horta ao referencial teórico principal deste estudo (CORTELLA; DIMENSTEIN, 2015), já que pelos *booktubers* não há o “perigo” de separação entre o potencial leitor e a obra literária por diversos fatores: pela gratuidade da ferramenta (*Youtube*), pela opção da não locomoção geográfica, por exemplo. Acrescenta-se: assim como pela linguagem utilizada e a espontaneidade — ainda que seja tema de outra discussão — que não se vê, por exemplo, quando determinada obra literária é abordada por muitos dos que se dedicam a ensiná-la.

Já para pensarmos a respeito das respostas B1 e B2, bastaria nos aproximarmos do que Horta (2010 apud BARBOSA 2013) chama de “fenômeno”: a “curadoria da arte”. Cita-se tal autor, de modo que o sujeito do canal propicia reflexões a respeito do que se dispõe a compartilhar. Tais reflexões contribuem para o ciclo das cadeias dialógicas — que são formações que contam com a participação do público, por meio dos comentários *online*. Dessa forma,

²⁹ Como já dito em outro momento, foram selecionadas apenas três perguntas: “Q.3 P.4 Em que tanto sua atuação se assemelha a de um curador?”; “Q.7 P.8 Quais as suas motivações para se dedicar à literatura?”; “Q.9 P.10 Como espera contribuir para a propagação de obras canônicas e as de autores não consagrados?”.

estariamos frente a outro ciclo: a que Horta nomeia de “princípio e o fim da obra de arte”, isto é: o receber e o comunicar.

Ponderar acerca da pergunta oito, leva-nos a tecer alguns contrapontos com relação à atuação do docente em sala de aula. Entre eles, encontra-se a prudência que deve existir no ato da escolha da obra a ser trabalhada, pensando ele que o alunado não possui maturidade para o contato com certas temáticas. Ou seja: poderíamos nos deparar com situações em que o professor apenas aprecia obras inapropriadas, por suas temáticas, a serem debatidas no âmbito escolar³⁰.

Inclui-se ainda nesse rol de contrapontos, o fato de que deve haver um balanço entre aquilo que gostam os estudantes e o que para eles seria benéfico, ainda que não se aproxime de seus gostos. Essa atitude nos levaria a nos posicionar, enquanto docentes, numa situação de ampliação de horizontes, na qual alunos se aproximariam de obras cujas temáticas — por não terem sido abordadas ao longo de sua formação — são novidades.

Por outro lado, poderíamos pensar, ainda que caiba uma discussão mais aprofundada, sobre a questão dos gostos dos estudantes. Caso consideremos haver conflito entre o gosto do professor — embora seja movido também pela responsabilidade de pensar que deve apresentar determinada obra ou autor canônico ao aluno — e dos alunos enfim, os *booktubers* passariam a ser um referencial a ser utilizado nas escolas. Defende-se essa ideia, já que há maior possibilidade, diante do número de sujeitos que protegem a literatura no ambiente virtual, de o aluno se deparar com alguém que faz leituras próximas ao seu gosto e, inclusive, de dialogar com outros leitores pelos comentários *online*.

Se a situação for o quadro anteriormente descrito, o docente passaria a agir enquanto curador daquilo que nos propicia a internet. Em outras palavras, indicaria quais bons *booktubers* colaboram para acréscimos significativos na prática leitora, destacaria quais aspectos a serem observados em cada um deles, e assim por diante. Pontua-se isso, pois ainda que amem a literatura³¹ e a leitura, não é garantido que a obra literária seja de qualidade, a ponto de contribuir para o desenvolvimento dos sujeitos em sociedade.

³⁰ Ainda que seja difícil pensarmos que a cultura literária do docente seja tão-somente relacionada a essa colocação, pode ser que ela ocorra.

³¹ E isso é observado no questionário acima, assim como no perfil dos canais pelos quais interagem.

Para fins desta análise, discutimos a questão dez.

Diferentemente das outras quatro respostas, a B1 afirma que sua abordagem não se assemelha à visão historicista do âmbito escolar. Contudo, se for o docente aquele quem assiste às postagens dos que responderam ao questionário, seria possível perceber a contribuição desses. Assim, se o *booktuber* enxerga o ensino-aprendizagem de literatura sob tal ótica e se ele se propõe a trabalhar com a “[...] arte da literatura [...]”, resultando num maior número de inscritos no canal, pressupõe-se que o professor sinta a necessidade de mudar a sua postura frente aos livros literários.

De forma geral, todas as respostas, em conjunto, destacam o que entendemos serem as principais contribuições dos que viram pela literatura, inclusive, uma profissão. Versando sobre o incentivo à leitura, tem-se que a pessoa que está debatendo o que leu, o faz de uma maneira diferente do professor — esse visto aqui como sisudo, com idade distante da dos jovens. Ainda: enfatizam os autores das respostas que a literatura nos canais não é tida como algo inalcançável e que se encontra presente no cotidiano até mesmo dos jovens³².

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destarte, assim como se pretende que o professor em sala de aula assuma um posicionamento senão próximo daquele que conduz os mais diversos museus em diferentes regiões, este trabalho propõe que a literatura seja curada em sala de aula a partir da internet³³. Isso nos levaria a pensar em certos projetos, em novos críticos literários, que contribuem para resguardar a literatura de ataques de forças que estão levando-a para longe de estudantes que necessitam conhecê-la.

Para tanto, passaríamos a questionar se o trabalho elaborado pelos *booktubers* em seus canais no *Youtube* não seria o oposto do que muitos professores de língua portuguesa faziam e ainda fazem. Dito de outra forma: um oposto que se dá pela conversa sobre trechos interessantes

³² Cabe acrescentar: temos que tornar a literatura parte do cotidiano, despertar o interesse sobre ela, significa discutir — sobretudo emitindo opiniões por meio de comentários nos vídeos — todo o tipo de literatura: clássica e não clássica.

³³ Uma ação como essa evitaria muitos problemas envolvendo a má-formação literária, dada à perceptível baixa qualidade do que muito é compartilhado na internet.

para ambas as partes — já que a parte que não aparece no vídeo ganha voz nos comentários. Porém, sobretudo, que se marca por um diálogo que não é apenas voltado aos processos seletivos e provas escolares, mas que envolve muitos sujeitos, os quais percorrem do canônico ao não canônico, do clássico ao contemporâneo.

Acredita-se, por fim, na possibilidade de se debater a questão da nomenclatura adotada e, assim, defender os *booktubers* também enquanto curadores da literatura, já que essa atividade não se caracteriza pelo espaço em que se dá. Ou seja, o mesmo sujeito que publica no *blog*, no *Facebook*, em seu site, seria o curador e não o caracterizado simplesmente como blogueiro, como *Booktuber*, editor — no caso do site. Com isso, o professor seria visto como curador literário e dos canais inseridos no *Youtube*, e os donos desses como curadores literários *online*.

REFERÊNCIAS

- Banco de teses e dissertações – CAPES. Disponível em: <[https://www.bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>. Acesso em: 30 mar. 2017.](https://www.bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/)
- BARBOSA, C. A era da curadoria. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 2, n. 4, maio/jun. 2013.
- CANDIDO, A. O Direito à Literatura. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Tradução de Roneide Venancio Majer. Volume 1. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 57 p.
- CORTELLA, M. S. DIMENSTEIN, G. *A era da curadoria: o que importa é saber o que importa! (Educação e formação de pessoas em tempos velozes)*. Campinas, SP: Papirus 7 Mares, 2015. 122 p. (Coleção Papirus Debates).
- _____. Entrevista [out. 2016]. São Paulo: Instituto CPFL, 2016. Entrevista concedida ao programa Café Filosófico.
- FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila. Google Acadêmico. Disponível em:

<https://scholar.google.com.br/scholar?lr=lang_pt&q=booktubers&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&as_vis=1>. Acesso em: 30 mar. 2017.

NÓVOA, A. (Org.) *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. *Formação de professores e o trabalho pedagógico*. Volume 1. Lisboa: Educa, 2002.

NUNES, L. B. *Um encontro com Lygia Bojunga Nunes*. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

SAVATER, F. Conferência. São Paulo. Conferência apresentada ao Fronteiras do Pensamento, 2015.

Recebido: 09 de maio de 2017

Aceito: 10 de julho de 2017